

**QUANDO OS ORIXÁS CHAMAM: ENTREVISTA COM
A ABIYÁN FABIELLE CAVALCANTE SOBRE SUA
VIVÊNCIA RELIGIOSA NO CANDOMBLÉ
AMAPAENSE**

***CUANDO LOS ORISHAS LLAMAN: UNA
ENTREVISTA CON ABIYÁN FABIELLE
CAVALCANTE SOBRE SU EXPERIENCIA
RELIGIOSA EN EL CANDOMBLÉ DE AMAPÁ***

***WHEN THE ORISHAS CALL: AN INTERVIEW
WITH ABIYÁN FABIELLE CAVALCANTE
ABOUT HER RELIGIOUS EXPERIENCE IN
THE CANDOMBLÉ OF AMAPÁ***

Aline Paiva dos Santos

alinepaivasnts@gmail.com

David Junior de Souza Silva

davi_rosendo@live.com

RESUMO

Esta entrevista apresenta a trajetória da abiyán¹ Fabielle Cavalcante, do Ilê² Asé Baba Alaremi³. O relato foca na devoção a seu Pai Omolu⁴, Orixá⁵ que rege sua cabeça, e o encontro com o Candomblé⁶. A entrevista evidencia como a vivência religiosa constitui ferramenta de afirmação identitária e integra a pesquisa Axé e resistência: narrativas das comunidades de matriz africana sobre racismo e intolerância religiosa em Macapá, desenvolvida na Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, da Universidade Federal do Amapá (Unifap).

Palavras-chave: Racismo Religioso; Intolerância Religiosa; Candomblé.

RESUMEN

Esta entrevista presenta la trayectoria de abiyán Fabielle Cavalcante, de Ilê Asé Baba Alaremi. El relato se centra en su devoción a su padre Omolu, el orisha que gobierna su cabeza, y su encuentro con el candomblé. La entrevista destaca cómo la experiencia religiosa constituye una herramienta para la afirmación de la identidad y forma parte de la investigación "Axé y resistencia: narrativas de comunidades africanas sobre el racismo y la intolerancia religiosa en Macapá", desarrollada en el marco de la Especialización en Estudios Culturales y Políticas Públicas de la Universidad Federal de Amapá (Unifap).

Palabras clave: Racismo religioso; Intolerancia religiosa; Candomblé.

ABSTRACT

This interview presents the trajectory of abiyán Fabielle Cavalcante, from Ilê Asé Baba Alaremi. The account focuses on her devotion to her Father Omolu, the Orisha who governs her head, and her encounter with Candomblé. The interview highlights how religious experience constitutes a tool for identity affirmation and is part of the research "Axé and resistance: narratives of African-based communities on racism and religious intolerance in Macapá," developed within the Specialization in Cultural Studies and Public Policies at the Federal University of Amapá (Unifap).

¹ Termo em iorubá para o religioso que inicia a caminhada no Candomblé, que antecede a iniciação.

² É uma palavra em iorubá que significa casa. No Candomblé, remete ao espaço sagrado para cultuar os Orixás.

³ Terreiro de Candomblé do Ketu e Umbanda, localizado na Zona Norte de Macapá, no Amapá. Dirigido pela lalorixá Baba Alaremi, Josivane Martins da Cruz.

⁴ Também conhecido como Qbalúwáiyé, na sua manifestação na forma mais nova. É uma divindade associada a todo tipo de mal físico e suas curas, além de ser correlacionado aos cemitérios, solos e subsolos (PRANDI, 1996)

⁵ Orixás são deuses das religiões de matriz africana. Governam o mundo e os seres humanos, mas também são partes do mundo, como elementos da natureza, ancestrais e possuem aspectos da personalidade humana (CRUZ, 1994).

⁶ Religião afro-brasileira que cultua os Orixás. A tradição cultural foi trazida ao Brasil pelos povos iorubás, jejes (fon ou mina) e bantos, originários da Nigéria, Benin e sul da África (LODY, 1987)

Keywords: Religious Racism; Religious Intolerance; Candomblé.

APRESENTAÇÃO

Fabielle Ferreira Cavalcante é abiyán do Ilê Asé Baba Alaremi, localizado na Zona Norte de Macapá, no Amapá. Sua conexão com as religiões de matriz africana antecede seu nascimento, embora as raízes que a levariam ao caminho dos Orixás tenham se revelado apenas na vida adulta, quando descobriu ter herdado de seu avô carnal a proximidade com o mundo dos encantados⁷.

Filha de santo da lalorixá Baba Alaremi, Josivane Martins, Fabielle conheceu o terreiro por intermédio da entidade Dona Ciganinha da Sandália de Pau⁸, da Umbanda⁹, ao buscar auxílio espiritual para questões de saúde familiar. A partir desse acolhimento e seguindo o conselho da Cigana, aprofundou-se no universo das religiões de matriz africana.

Nos primeiros anos dentro do Candomblé, Fabielle conta com trajetória marcada na ancestralidade e devoção a seu Pai Omolu, regente de sua cabeça, protetor e senhor de seus caminhos. Nesta entrevista, ela relata os desafios de afirmar sua identidade religiosa em espaços públicos e no ambiente profissional de atendimento ao público, onde a exposição de seus fios de conta, roupa branca, frequentemente desperta olhares estigmatizantes.

O diálogo foi registrado em 11 de fevereiro de 2022, na residência da entrevistada, garantindo ambiente de acolhimento para o relato de suas experiências. Metodologicamente, a pesquisa de campo utilizou entrevista semiestruturada com roteiro definido, integrando a monografia "Axé e resistência: narrativas das comunidades de matriz africana sobre racismo e intolerância religiosa em Macapá", da Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas da Universidade Federal do

⁷ São seres que viveram há muito tempo atrás e desapareceram ao adentrarem no Portal da Encantaria. Essas entidades espirituais podem ser voduns, nobres europeus, caboclos ou indígenas, que moram "acima da Terra e abaixo do céu", geralmente em lugares afastados das populações humanas (FERRETTI, 2008).

⁸ Entidade da Umbanda, pombagira da linha das ciganas.

⁹ Religião afro-brasileira que se baseia na comunicação com espíritos que manifestam por meio de incorporações. Umbanda significa "luz divina" ou "conjunto das leis divinas" (BARBOSA JR, 2014).

Amapá (Unifap). A análise dos dados reforça que a discriminação religiosa é uma realidade na vida dos afroreligiosos amapaenses, já que todos os colaboradores da pesquisa vivenciaram, em algum nível, situações de preconceito religioso.

Qual foi seu primeiro contato com as religiões de matriz africana?

Abiyán Fabielle Cavalcante: De matriz africana, foi através da casa da Mãe Josi, que fui conhecer mais do Candomblé e Umbanda. Até então, na minha visão as duas religiões eram uma só. Como Filha de Santo, estou há quatro anos como abiyán da casa. Mas, eu já a conhecia antes, há uns seis anos, o terreiro dela. Me tornei Filha de Santo da casa por meio de uma entidade dela, conhecida como a dona Cigana da Sandalinha de Pau. Com esse contato que tinha sempre com a Cigana, acabou que tive uma conversa, me permiti conhecer mais vezes.

Fui uma vez conhecer o Candomblé em uma Casa de Axé¹⁰, no Pai Marcos¹¹, que é o Pai de Santo da minha Mãe e meu avô. Fui visitando aos poucos, gostei e percebi que era um lugar que me identificava. Fiz uma adaptação, pois no início estranhei um pouco porque muitas coisas nunca haviam visto. Hoje em dia sou muito feliz onde estou.

Eu conheci a entidade através de uma conhecida, que tinha comentado que a Cigana da Mãe Josi jogava cartas e não errava. Joguei para conhecer, por questões de saúde minha e acabei me apaixonando pela Cigana, que é maravilhosa. Tudo que a Cigana sempre jogou... desconheço alguém que tenha jogado cartas e tenha dado errado. Tudo que ela falou sempre se cumpriu. Com a Cigana conheci a religião, fui buscando, fui ficando e estou aí hoje em dia.

Além disso, o meu avô carnal era de Pena e Maracá¹², de Umbanda. Mas, ele deu um tempo de trabalhar com os caboclos¹³ e encantados quando veio do interior pra cá, do Guarajá para cidade de Macapá. Quando fui me entender por gente, pois era muito criança e essa é uma história que a minha mãe me contou, meu avô vivia rezando, benzendo¹⁴ crianças, puxando. Já fui entender toda história do meu avô depois que ele

¹⁰ Sinônimo de terreiro.

¹¹ Babalorixá Marcos José Ribeiro dos Santos, sacerdote de matriz africana do Ilê Asé Ibi Olufoni.

¹² Também conhecida como Pajelança.

¹³ Entidades espirituais da Umbanda.

¹⁴ Prática religiosa de cura e proteção.

faleceu, quando me tornei adulta, que fui ver que era de Pena e Maracá, Umbanda, que recebia os encantados, que tinha trabalhos bonitos no interior.

No terreiro da Mãe Josi estou em fase de aprendizado, o que chamamos de abiyán, que é o primeiro passo. Conheço algumas coisas que podem ser permitidas para essa etapa, participo de alguns fundamentos permitidos, pois existem divisões e hierarquias onde só podem participar Iaô¹⁵, Pais e Mães de Santo. No meu caso, por ser abiyán tem alguns limites.

Minha pretensão dentro do Candomblé é “fazer o santo”¹⁶, me tornar uma iaô, cumprir meus sete anos. Dentro da Umbanda já sou batizada. Vou ficar nas duas religiões porque a minha casa agrega ambas.

Como você expressa sua religiosidade fora do terreiro? No Candomblé tem a questão dos preceitos, já chegou a sofrer alguma intolerância por conta da vestimenta?

Abiyán Fabielle Cavalcante: Em termos de intolerância dentro do meu espaço de trabalho, com os meus colegas nunca, todos entenderam perfeitamente. Por vezes, eu cumpri preceitos, após limpezas que costumam utilizar “contregum”¹⁷, já sofri alguns olhares, até mesmo por ser algo desconhecido para muitas pessoas, mas quem identifica o que é manda alguns olhares meio tortos, no caso dos clientes.

O contregum é feito da palha da costa, uma cordinha que utilizamos após fazer algum tipo de fundamento de limpeza. Colocamos por um período, uns dias dados pelo Pai de Santo. Usamos para afastar.

Uma vez estava vestida com roupa da religião, pois acontecia um fundamento na casa do meu avô de santo, que é o Pai Marcos, e fui até a padaria. Quando retornei sofri intolerância de um vizinho que morava na mesma rua do terreiro. Ele gritou de bem longe: "Sai!" Tipo expulsando, sabe? "Olha aí o demônio passando!". Ele demoniza as pessoas com palavras assim, sendo que para quem é candomblecista nem se quer acreditamos, pois o demônio é uma figura do cristão. Na religião católica que existe,

¹⁵ Quem já passou pelo processo de iniciação no Candomblé. As recém-iniciadas eram chamadas de Iaô, mas com o passar do tempo, essas designações reservadas às mulheres passaram também a ser usadas para os iniciados masculinos” (PRANDI, 2000).

¹⁶ Quando o afrorreligioso faz a feitura, ou seja, passa pelo processo de iniciação no Candomblé.

¹⁷ Geralmente usado no Candomblé e Umbanda, é um amuleto religioso de proteção, feito de palha.

para o candomblecista não. No momento, me senti sem ação, apenas continuei. Quando cheguei no barracão do meu avô, contei para minha mãe e ela conversou comigo, me disse que mais cedo ou mais tarde iríamos passar por coisas assim.

Neste dia senti vontade de chorar. Eu jamais pensei em desistir daquilo que acredito, do que me traz alegria, do que é felicidade para mim. Me senti chateada por aquele homem falar algo, pois nem me conhece. Tenho certeza de que nenhum dos meus familiares de santo da casa do meu avô, ninguém foi na casa dele chamar ou ofender. Era 8h da manhã. Já pensou que tu tá passando este horário na rua e uma pessoa já tá te xingando, por causa da tua fé, daquilo que tu acredita?

As pessoas que não têm conhecimento, que olham de uma forma diferente, acabam sempre julgando, dizendo algo que não é verdade, olhando com olhares maldosos, achando que tudo é feitiçaria, macumbaria como alguns dizem. Para dar um fim, essas pessoas precisam ter um conhecimento da religião. Pois assim como é explicado o evangélico, o catolicismo, os mórmons, por que não explicar sobre a cultura e as religiões afros? Sobre a Umbanda? Mas, sabemos que tem aquelas que se permitem ouvir, outras não. Entendo assim, como tem espaço para todas essas outras, deveria ter mais voz para gente também.

Já me questionaram sobre as guias e contas de Orixás. Me perguntaram o motivo de usar aquilo, novamente citaram: "Por que tu está usando esse negócio de macumba?". Respondi: é o que eu acredito. É a minha fé. É minha religião! Nós da religião nos sentimos incomodados, nos sentimos mal, quando sabemos da verdade. Até mesmo porque a nossa religião não vai na porta de ninguém bater para chamar para dentro do terreiro, não andamos nos ônibus chamando para uma gira¹⁸, não ficamos chamando para o Candomblé, para a casa de axé. Respeitamos, mas acaba que somos vistos por mal-educado porque as pessoas falam sem saber.

Como a maioria das crianças, fui batizada na igreja católica, mas depois de um tempo cheguei a conhecer a igreja batista, cheguei a ser batizada na igreja dos mórmons. Me permitir conhecer um dia a messiânica, fui também na Assembleia de Deus. Porque assim, sempre estive aberta a conhecer as igrejas dos meus amigos, nunca

¹⁸ Ritual sagrado com pontos e danças, em que as entidades se manifestam nos médiuns.

critiquei nenhuma, mas quando cheguei a convidar esses mesmos amigos para conhecer o terreiro, tive uma resposta negativa.

Fui até a igreja universal, mas nunca me senti completa, porque vi muitas pessoas falando coisas e agindo de outra forma. Não estou julgando, pois existem pessoas erradas em todo lugar, mas vi pastor pregando uma coisa e fazendo outra, vi gente de dentro da igreja que eu frequentava, que lá pregava amor, união e tudo, mas fora sabíamos como se portava. São coisas que vão nos desacreditando.

Para você, o que é intolerância ou preconceito religioso?

Abiyán Fabielle Cavalcante: A intolerância religiosa é alguém que tem um preconceito daquilo que não sabe, que nunca se permitiu ver ou conhecer. Já julga ou fala sem saber. A pessoa que não tem o respeito pela religião do próximo. Julga de uma forma, sem parar para perceber que ela acha que é errado pode guardar para si, que aquela outra fé faz bem para uma outra pessoa.

O que é o Candomblé para você?

Abiyán Fabielle Cavalcante: Quando conheci o Candomblé costumo dizer que não sabia que podia existir um amor tão grande como eu sinto pelo meu Orixá. É um amor que é maior que tudo, não sei explicar a dimensão, foi um sentimento construído.

No Candomblé, coisas que para muitas pessoas são mínimas, pra mim é tudo, pois tudo é natureza e Orixá é natureza! O ar, as águas, o vento, tudo tem um porquê na nossa vida.

No mundo em que vivemos hoje, com tantas doenças e corações ruins, ainda estou viva e conseguindo ver meus sobrinhos crescerem. Pra mim, isso é o amor, é o Orixá na minha vida. O que é Deus pra mim, na minha religião é Olorum¹⁹. Se não tivesse encontrado esse Deus na minha religião, com certeza eu não estava nela.

Sou filha do Orixá Omolu. Muitos dizem que ele rege os cemitérios, guarda as almas das pessoas que partem deste mundo, o dono da calunga pequena. Existem muitas histórias, como a de que ele era filho de Nanã²⁰, a Orixá mais velha, que veio do

¹⁹ No Candomblé, cultua-se como ser superior 'Olorum', conhecido como senhor do céu, o onipotente e eterno. É uma divindade suprema que não tem representação material (CRUZ, 1994).

²⁰ Orixá mais velha do panteão, a senhora da lama do fundo das águas (PRANDI, 1996)

barro, que ela teria abandonado e Iemanjá²¹ o pegou e cuidou como filho. Sou de Omolu com Iemanjá.

O Candomblé e a Umbanda são dedicação. Você tem que se dedicar a conhecer as ervas que fazem remédio, que fazem um banho, uma reza. Tudo tem que ter dedicação. Você precisa tirar dúvidas com os mais velhos.

Conte-me um momento marcante dentro do Candomblé?

Abiyán Fabielle Cavalcante: Existem muitos momentos marcantes, como a iniciação dos meus irmãos, a obrigação da minha Mãe de Santo e meu primeiro obi²², que foi dado pela minha Mãe com a presença dos meus Pais Pequenos. Naquele momento, quando você tá dentro de um quartinho, mil coisas passam pela sua cabeça. Eu só sabia agradecer todo o amor que os Orixás me fizeram descobrir.

Na obrigação de sete anos da minha mãe, ela virou na segunda Orixá dela, que é Iemanjá. Eu tomei benção dela, abracei. Não sei explicar, mas o abraço do Orixá acalma, acalenta qualquer dor. O abraço dado por Iemanjá foi um dos mais acolhedores que tive em toda a minha vida, foi especial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de Fabielle Ferreira Cavalcante reforça o papel da oralidade como documento histórico e social. O relato é testemunho das complexidades que envolvem a identidade afrorreligiosa na Amazônia. Além da conexão com a ancestralidade, refletida na autodescoberta do legado de seu avô carnal na Pajelança, o relato personifica o enfrentamento ao racismo religioso em Macapá, expondo que a intolerância opera em diferentes escalas: desde o ambiente de trabalho, em que o uso do contraegum gera estigmatização, até o espaço público, com a violência verbal.

O "chamado dos Orixás" na vida da entrevistada representa mais que escolha espiritual, sendo também contraponto à hegemonia religiosa dominante. Além disso, a

²¹ Rainha e mãe da maioria dos orixás, costuma ser relacionada à feminilidade e maternidade. É geralmente representada pela figura de uma sereia (PRANDI, 1996).

²² Ritual sagrado para comunicação com os Orixás.

trajetória de Fabielle reafirma que as religiões do Candomblé e a Umbanda resistem e se reafirmam cotidianamente.

Por fim, esta entrevista foi fundamental para a construção de uma seção da monografia "Axé e resistência: narrativas das comunidades de matriz africana sobre racismo e intolerância religiosa em Macapá", apresentada à Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas da Unifap.

Agradecemos à abiyán Fabielle Cavalcante e ao Ilê Asé Baba Alaremi por permitirem que esta pesquisa acadêmica se transformasse em registro de preservação da memória do axé no Amapá.

REFERÊNCIAS

BARBOSA JR, Ademir. **O livro essencial da Umbanda**. São Paulo, Universo dos livros, 2014.

CRUZ, I. C. F. da. **As religiões afro-brasileiras**: subsídios para o estudo da angústia espiritual. Rev. Esc.Enf.USP , v. 28, n.2, p. 125-36, ago. 1994.

FERRETTI, Mundicarmo. **Encantados e encantarias no folclore brasileiro**. Apresentado no VI Seminário de Ações Integradas em Folclore. São Paulo, 2008.

LODY, R. **Candomblé religião e resistência cultural**. São Paulo: Ática, 1987.

PRANDI, Reginaldo. **De Africano a Afro-brasileiro**: etnia, identidade, religião. Revista USP, São Paulo, n.46, p. 52-65, junho/agosto 2000.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé**: Sociologia das religiões afro-brasileiras. São Paulo, Ed. Huncitec, 1996.

SANTOS, A.P. **Axé e resistência**: narrativas das comunidades de matriz africana sobre racismo e intolerância religiosa em Macapá. Monografia. Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, Universidade Federal do Amapá - Unifap, Macapá, 2022.